

PORTA ABERTA

Motrivivência Ano XVII, Nº 24, P. 157-172 Jun./2005

MULHERES, CORPO E ESPORTES EM UMA PERSPECTIVA FEMINISTA

Patrícia Lessa ¹

Resumo Abstrat

As Teorias Feministas discutem a desnaturalização dos corpos, a performatividade dos gêneros, a sexualização das identidades e a biologização do feminino, em diversas áreas do conhecimento. A Educação Física vêm produzindo conhecimentos sobre a participação feminina nos esportes e a corporeidade feminina. Meu texto procura relacionar os estudos sobre mulheres e esportes na produção teórica da Educação Física ao atual debate feminista sobre corporeidade, sexualidade e identidade, buscando os pressupostos teóricos e conceituais que fundamentam este debate. Utilizo como

The feminist theories discuss the denaturalization of the bodies, the performativity of the species, the sexualization of the identities, and the biologization of feminine characteristic, in several areas of knowledge. Physical Education has been producing knowledge on both the female participation in sports and feminine corporality. My text has the purpose of relating the studies on women and sports in what concerns the Physical Education theoretical production to the current feminist debate on corporality, sexuality and identity, searching the theoretical and conceptual purposes

¹ Professora do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História, na área de Estudos Feministas da Universidade de Brasília, sob orientação da prof^a Dr^a Tânia Navarro-Swain.

fonte de análise textos publicados pela Revistas Brasileira de Ciências do Esporte e Revista Motrivivência. Ambas foram escolhidas por sua abrangência e servirão como referencia para outras publicações.

Palavras-chave: Corporeidade feminina, Esportes, Teorias Feministas.

that give support to this debate. Texts published by the Revista Brasileira de Ciências e Esportes magazine and Motrivivência magazine are used as an analysis source. These magazines were chosen due to the fact of being including, and they will be a reference for other publications.

Keywords: Feminine corporality, Sports, Feminist theories.

Introdução

A produção teórica, conceitual sobre a desnaturalização dos corpos, sobre a performatividade dos gêneros, sobre a sexualização das identidades e, principalmente, sobre a biologização das mulheres foi e ainda é um debate feminista de cunho epistemológico, pois diz respeito ao aparato conceitual que aprisiona as mulheres ao seu corpo biológico. Essas discussões tornam-se bastante expressivas em áreas do conhecimento como a História, a Antropologia, a Sociologia e outras. Na Biologia, na Física e na Química muitas pesquisadoras empenham-se em discutir os valores e interesses generizados nas ciências, cito Hubbard, Haraway e Harding como exemplos de teóricas feministas preocupadas com questões epistemológicas. Na área da Educação Física esse movimento começa a ganhar forma, e já é possível falar de uma produção teórica sobre as

questões das mulheres ou mesmo questões de gênero, no entanto, as Teorias Feministas, nem sempre são apontadas como o fundamento epistemológico que ampara tais discussões.

As discussões de gênero foram incorporadas ao debate feminista entre o final dos anos 60 e início dos anos 70. Para Nicholson (2000) o conceito de gênero foi introduzido para suplementar o de sexo, pois ao fincar na biologia as raízes das diferenças entre mulheres e homens, o conceito 'sexo' colaborou com a idéia da imutabilidade dessas diferenças e com a desesperança de certas tentativas de mudança. Já para Scott (1994) gênero apresenta-se como uma categoria analítica, como organização social da diferença sexual. Não refletindo ou implementando diferenças físicas e naturais entre homens e mulheres, mas um conhecimento que estabelece significação para as diferenças corpóreas. Também rejeita o caráter

fixo e permanente da oposição binária, enfatizando a importância de uma desconstrução nos termos de Derrida. Enfim, o termo surge com significados variados e é usado, basicamente, de duas formas: como objeto de estudo ou como estrutura analítica.

Seu surgimento no cenário dos Estudos Feministas deve-se em grande parte as críticas feitas aos Estudos das Mulheres, por sua constituição de um sujeito universal e conseqüente caráter identitário: a mulher, como essência. Porém, os Estudos de Gênero nunca poderão substituir ou mesmo pretender se sobrepor as Teorias Feministas por sua incapacidade em compreender os sujeitos concretos e porque tiram o caráter hierárquico da construção das subjetividades, como se todos fossem construídos de forma igual, estuda em termos relacionais, com a pretensão de trabalhar com simetrias humanas, o que vem a desfocar a agenda feminista. Sua ampla aceitação nos termos do feminismo deve-se em grande parte ao pejorativo e ao medo que a palavra feminismo desperta, como diz Navarro-Swain (2001, p.12): “decreta-se assim, no senso comum e na análise teórica, o fim do feminismo: afinal, os gêneros não são igualmente construídos socialmente? Entretanto, colocando-se no mesmo assujeitamento ao social a constituição do

feminino e do masculino, esquece-se facilmente o caráter hierárquico da generização do humano”. Enquanto, os Estudos de Gênero nivelam a construção dos corpos no social, os Estudos da Mulher foram amplamente criticados pela constituição de um sujeito universal, que em certa medida, camufla as diferenças de classe, raça, etnia e sexualidade entre as mulheres.

“A Mulher”, no singular, é uma ficção, um mito criado para melhor disciplinar, melhor domesticar. Navarro-Swain (1999), ao discutir o pensamento de Beauvoir mostra o quanto àquelas idéias estão ancoradas nos quadros binários de divisão sexual hierarquizada. No capítulo referente ao lesbianismo, Beauvoir confronta essa personagem social à verdadeira mulher. A verdadeira mulher, diferente da lésbica e da prostituta, possui os atributos, socialmente construídos, referentes ao modelo de feminino. Enquanto a lésbica é relegada à aberração a prostituta é mantida na ordem do discurso, suas existências, ainda assim, são vinculadas ao masculino e a referencia é o homem, pois a primeira é representada como uma imitação do homem e, a segunda, vive em função do mesmo, “trabalha” para o prazer do mesmo.

As negras, as latinas, as lesbianas, as operárias são algumas das personagens do feminismo que

materializam a impossibilidade de um sujeito universal. Butler (1990), aponta a oposição das mulheres ao feminismo como sugestão dos limites da política de identidade, diz ela: "se alguém é uma mulher, esse alguém não é só isso" (BUTLER, 1990, p.20). A política de identidade só pode ser questionada tendo como fundamento uma teoria que combate à divisão binária do social, bem como a construção dos corpos sexuados e a fixidez e permanência dessas representações. Herdeiras do pensamento foucaultiano, muitas feministas irão mostrar que os corpos divididos em dois sexos opostos e hierarquicamente diferenciados no social são parte de uma construção histórica.

O binarismo indica que a identidade feminina depende sempre de seu oposto, criando uma representação baseada na dependência. Como diz Grosz (2000, p.49):

o mais relevante aqui é a correlação e associação da oposição mente/corpo com a oposição entre macho e fêmea, na qual homem e mente, mulher e corpo, alinham-se nas representações. Tal correlação não é contingente ou acidental, é central ao modo pelo qual a filosofia se desenvolveu historicamente e ao modo como ela se vê ainda hoje. (...) A filosofia, como disciplina, exclui subrepticamente

a feminilidade, e como consequência, a mulher, de suas práticas, através de sua decodificação usualmente implícita da feminilidade como desrazão associada ao corpo.

O local de fala de autoras como De Lauretis (1994) e Haraway (1994) lhes possibilita questionar os pressupostos das Teorias Feministas para colocá-los em movimento, elaborando novos conceitos, revisando seus fundamentos e apontando para novas perspectivas políticas, visibilizando a ação das feministas. Os corpos marcados pelo sexo e pela sexualidade mostram a historicidade incontornável do humano e o esporte é um lugar privilegiado para o estudo dessa construção e reprodução de modelos hegemônicos. Teóricas como De Lauretis, Butler e Navarro-Swain questionam a divisão binária da sociedade. A importância dada ao sexo, ao aparelho genital, na positividade e na divisão social é uma criação histórica e social, que modela os corpos em dois gêneros hierarquicamente distintos, o que nos leva a interrogar: as mulheres sempre foram vistas como frágeis? O feminismo surge justamente para sacudir as evidências dessas representações, questionar a divisão sexual da sociedade, opor-se à hierarquização dos gêneros, por isso, suas teorias não podem ser dissociadas de suas ação política,

pois, ambas atravessam diferentes áreas do conhecimento.

Os medos que o feminismo desperta levam o senso comum a distorções de suas teorias, bem como, a crença em um objetivo único: a destruição dos homens e a representação social da mulher que quer tomar o local dos mesmos. Podemos constatar na nota explicativa que o autor utiliza para justificar que os “usos do corpo” não serão tratados em igual medida para as mulheres e os homens no texto, intitulado: “A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em ‘antas’”. Daolio (1995, p. 101), diz:

Essa é justamente a crítica mais contundente que o chamado ‘feminismo’ tem recebido. Ao se rebelar contra o poder do ‘machismo’, algumas militantes do ‘feminismo’ passaram a reivindicar os mesmos direitos para as mulheres, acreditando na falsa premissa de que fazer as mesmas coisas é condição para a igualdade entre homens e mulheres.

A primeira questão que devemos lembrar é que não podemos falar no feminismo como um bloco homogêneo de idéias, teses e reivindicações, pois sua história é marcada pela pluralidade, diversidade e, principalmente, novidade, já

que muitas de suas marcas ainda estão por aparecerem no social. Muitos são os autores contemporâneos que o reconhecem como marco histórico do século XX. Hobsbawn, Guattari e Stuart Hall, são alguns desses exemplos. Outra questão importante a ser lembrada é que o reconhecimento de algumas das conquistas políticas do feminismo não representa o reconhecimento da amplitude desse movimento, nem mesmo o reconhecimento das teorias feministas.

As Teorias Feministas surgem para questionar a evidência da naturalização das mulheres, que atreladas ao biológico foram sendo excluídas de atividades consideradas masculinas. A fragilidade, a docilidade, a submissão, a vulnerabilidade são atributos nada próximos daqueles exigidos no universo dos esportes, que no entanto são presentes nas práticas discursivas, que imprimem modelos a-históricos. Ou será que em todas as épocas e sociedades as mulheres foram consideradas frágeis? Sempre foram constituídas como frágeis quando atreladas ao seu sexo?

Questões importantes quando pensamos como aparecem as mulheres atletas no cenário nacional. No país do futebol quem são as nossas craques? Porque não possuem a mesma visibilidade que os homens? Questões importantes na

perspectiva epistemológica fornecida pelos feminismos.

Com esse texto pretendo problematizar as questões referentes à produção teórica nacional da Educação Física sobre a participação das mulheres nos esportes, buscando a proximidade desse debate com as questões colocadas pelo feminismo. Nessa breve introdução, apresentei algumas discussões feministas, para visualizarmos sua participação no debate contemporâneo sobre corpo, sexualidade e identidade, diferenciando-as dos estudos de gênero e dos estudos da mulher, por serem categorias de análise criadas historicamente e contextualmente pelas Teorias Feministas. Passo então à análise de textos divididos em: as discussões sobre a historicidade das mulheres nos esportes, os paradigmas reinantes e seus reflexos na produção teórica da educação física e na legislação desportiva. Logo em seguida, discuto sobre as personagens sociais, alguns fatos, datas e nomes de mulheres que fizeram dos esportes sua própria vida, mesmo estando fora do modelo feminino de sua época. A utilização da Revista Brasileira de Ciências do Esporte e da Revista Motrivivência deu-se como ponto de referência na busca de materiais significativos e

textos representativos da produção teórica da Educação Física sobre o tema Mulheres, Corpo e Esportes, sem a pretensão de construir uma compilação de teses sobre o tema, pois já existem trabalhos reconhecidos com essa finalidade². Minha intenção não é de quantificar dados sobre o tema, mas tão somente, analisar a produção teórica atual em uma perspectiva feminista.

A construção do corpo feminino

O medo que o feminismo desperta é resquício da representação social da mulher feia, mal amada, lésbica, que teve relações de frustração com os homens e, por isso, os combate. A construção da feminilidade esculpida na imagem da mulher submissa, frágil, passiva, que se embeleza para atrair os homens, foi amplamente trabalhada pelo aparelho médico, jurídico e psiquiátrico com o apoio do discurso científico. A Educação Física, por longo tempo, buscou seus fundamentos nas teses da "naturalização" da fêmea como ser exclusivamente procriador para elaborar seus programas de treinamento e atividade física para mulheres, utilizando-se da biologia e

² Ver: ROSEMBERG, F. A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira. ROMERO, E. (Org.) Corpo, mulher e sociedade. São Paulo: Papirus, 1995.

da medicina desportiva, que exigiam moderação. Por exemplo: "a educação física da mulher deve ser orientada em função de sua natureza específica, e tendo, além disso, em consideração as circunstâncias de ordem moral que urge ter presente, a fim de que essa Educação não se torne prejudicial ou escandalosa e socialmente nociva" (GOMES, 1958, p.94-95).

Sob o pretexto de preservar a saúde das mulheres utiliza-se da instituição discursiva da "natureza específica", localizando no corpo as causas de uma interdição. Assim, aprisionadas ao seu corpo as mulheres fazem suas primeiras aparições reconhecidas publicamente, como no relatório circunstanciado, escrito em 1954, por Inezil Penna Marinho, em ocasião da apresentação de ginástica feminina moderna da equipe austríaca, no III Congresso Mundial de Educação Física realizado em 2-9 de agosto de 1954, na Turquia. Diz ele:

Cumprir destacar, sobretudo a feminilidade que se sente em cada movimento, evidenciando que, realmente, essa é a forma de atividade física que melhor interpreta a natureza da mulher, traduzindo nos gestos suaves, cheios de encanto, a sensibilidade, a elevação de sentimentos, a doçura da expressão, a alegria de semblante que fazem da companheira do homem o verdadeiro motivo de sua existência (MARINHO, s/d, p. 102-103).

A matriz de sentido que define o tipo de atividade que as mulheres poderão realizar se dá em função de um conjunto articulado de saberes biomédicos que criam o local da maternidade como o objetivo central na vida de qualquer mulher e, além disso, cria o estigma da fragilidade inata e da vulnerabilidade anatômica decorrentes da sua capacidade de procriar. Em 1882, Rui Barbosa, em sua proposta educacional faz a distinção do que deve ser seguido para mulheres e para homens, nas aulas de Educação Física: "Com distinção entre os exercícios para os alunos (ginástica sueca) e para as alunas (calistenia), de modo que a mulher praticasse atividades compatíveis com as características de seu sexo, a harmonia das formas feminis e as exigências da maternidade futura" (MARINHO, 1975, p.164).

O mote do higienismo foi à criação do povo forte, saudável, apto a colaborar como fortalecimento da nação, e foi sob esse pretexto que as duas primeiras publicações sobre educação física feminina no Brasil, analisadas por Goellner (2001), reafirmam a obrigatoriedade que as mulheres tinham em colaborar com a nação, de acordo com a especificidade de sua natureza, ou seja, procriando. Sob a influência de ideais eugênicos a prescrição de atividades físicas deveria ser voltada exclusivamente para o pre-

para físico e moral de um corpo belo e saudável sem pretensões competitivas. Os livros "Educação Physica Feminina", de Orlando Rangel Sobrinho de 1930 e "Cultura Physica Feminina", da professora Lotte Kretzchmar de 1932, ambos publicados no Rio de Janeiro são analisados por Goellner como parte da construção de uma imagem de feminilidade, que segundo a autora fazem parte da vigilância sobre o corpo e o comportamento das mulheres. Diz a autora:

No contexto da valorização da família, da higienização dos corpos e do fortalecimento da raça, ser feminina é ser, também, saudável e bela para cumprir os desígnios de seu sexo: casamento e procriação. Razão pela qual a mulher solteira, ainda que não considerada tão anormal quanto a histórica e a prostituta, por exemplo, merece atenção e cuidado visto que, ao não cumprir sua função social, pode também, vivenciar de forma equivocada a sua sexualidade, porque celibatária ou excessiva (GOELLNER, 2001, p.45).

No jogo dos opostos a imagem da mulher maternal é referenciada na construção da imagem da mulher doentia, nessa imagem estão representadas as históricas, as masoquistas, as prostitutas, as frígidas, as lésbicas. Muitos cuidados

deveriam ser tomados com as solteiras, pois sua ameaça à "representação dominante de feminilidade", é também, de ordem social já que concorre com os homens no mercado de trabalho. Para a autora essa ameaça é combatida com representações de estereótipos da lésbica, da mulher feia e da feminista histórica.

Seu texto faz referência ao feminismo lembrando que ele foi responsável, em parte, por atitudes que podem desestabilizar a ordem culturalmente construída, como a reivindicação pelo voto feminino, a inserção no mercado de trabalho e outras das conquistas, parcialmente, reconhecidas no social.

A autora mostra que os argumentos científicos advindos da biologia, servem para orientar os comportamentos femininos em prol de uma imagem de feminilidade. É interessante notar a preocupação com a moderação, cita o exemplo da dança, de caráter construído como feminino, ela é indicada com ressalvas porque apesar de proporcionar graça e leveza de movimentos, pode, por outro lado, despertar paixões secretas, despertar a lascívia (GOELLNER, 2001). Diz Goellner (2001, p.49): "nem viragos, nem lindas flores débeis diz a educação física. Nem excesso de competição nem inatividade física, mas beleza, saúde, graça, harmonia de movimentos, leveza, vigor físico, energia e delicadeza".

Mas por que tanta falta de investimentos nas práticas desportivas femininas? Podemos dizer que isso faz parte de uma tradição de controle sobre o corpo e o comportamento das mulheres, de um imaginário coletivo no qual a passividade, o sacrifício, a submissão e a maternidade seriam dons privilegiados das mulheres, dons esses que nada combinam com os atributos exigidos para prática de esportes. Ignorância à parte, as mulheres resistiram, mas veio a legislação: em 1941, 10 anos após o lançamento dos dois livros citados, o Conselho Nacional de Desportos (CND) criou o Decreto Lei nº 3.199, que no artigo nº 54 dizia que, as mulheres não poderiam praticar esportes "incompatíveis com sua natureza". Em 1965 com a deliberação nº 7 definiram-se regras para a participação das mulheres nos esportes, não sendo permitida às mulheres a prática do futebol, do futsal, do futebol de praia, do pólo, do halterofilismo, do baseball e das lutas de qualquer natureza. E somente em 1979, com a deliberação nº 10, a anterior é revogada devido ao feito bastante conhecido no Judô. Joaquim Mamed, diretor da Confederação Brasileira de Judô (CBI) daquele período, mudou os nomes de 4 meninas para nomes masculinos garantindo assim passagens para que a Delegação Brasileira pudesse participar de um campe-

onato sul-americano realizado na Argentina, em 1979. Ao retornar ao Brasil foi convocado pela CND para dar explicações e compareceu com as 4 meninas de medalhas no peito, através de muita polêmica o CND finalmente aprovou a participação das mulheres no Judô. Em 1980 o judô feminino foi oficializado para competição (SILVA, 1994).

Driblando o mundo

A participação feminina nos esportes é cheia de proibições e empecilhos, mas também, de resistências e lutas ao longo da História. Em diferentes épocas e culturas encontramos indícios de práticas desportivas e de treinamento de lutas armadas realizadas por mulheres, como por exemplo, na Antiguidade, em Esparta essas práticas eram constantes, porém não podemos dizer o mesmo de Atenas onde os esportes eram práticas masculinas. Paul Foucart, cita os jogos de HALOÁ, uma espécie de Olimpíadas onde somente as mulheres participavam (NAVARRO-SWAIN, 2000). Até mesmo algumas das primeiras Escolas de Educação Física excluíam a participação das mulheres com o argumento da fragilidade e vulnerabilidade bio-fisiológica.

A primeira Escola de Educação Física era um espaço exclusivamente masculino aqui no Brasil.

Enquanto isso, as escolas alemãs de Educação Física para Mulheres, em 1930, tinham o seguinte lema: “uma garota para cada esporte e um esporte para cada garota”, elas já brigavam com as americanas que pregavam o jogo pelo jogo (PFISTER, 1997). Do outro lado do mundo, no Japão, em 1926 já se realizava a primeira Conferência da Kodokan (primeiro dojô, ginásio para prática de judô inaugurado em 1882) de Judô Feminino. E muito antes disso, as mulheres das famílias de samurais estudavam o Nagitana (luta com espada) e o Kyudo (arco e flecha), bem como mulheres que se desenvolveram na tradição do Jujitsu (no popular Jiu Jitsu). Podemos ainda, tomar como exemplo, Rusty Kanokogi, pioneira no judô feminino, cujo esforço se deve o primeiro campeonato Mundial de Judô para mulheres em Nova York, em 1980. Sua história marca as dificuldades pelas quais muitas mulheres atletas tiveram que superar. Em 1955, a muito custo, ela conseguiu entrar no dojô local e teve que treinar com 40 homens, muitos dos quais caíram no tatame ao enfrenta-la. Ela entrou para a história do judô, dentre os muitos feitos, por participar de campeonatos contra homens e sair vitoriosa. Incansável, Kanokogi processou o Comitê Olímpico do EUA e o USJudô Inc., por excluir as mulheres do Nacional Sports Festival em 1981, ale-

gando discriminação sexual (SILVA, 1994). A resistência é a marca maior das atletas, como é o caso do futebol no Brasil.

Apesar do fanatismo nacional pelo futebol perguntamos: quando podemos ter o privilégio de ver uma partida feminina? Somente nos Jogos Olímpicos? O futebol é um ótimo exemplo para empreendermos uma discussão sobre as mulheres nos esportes. Em 1996 o Brasil fez sua estréia Olímpica no Futebol Feminino, o que repercutiu um jogo de marketing nada coerente com os atributos exigidos pelo esporte. Alguns clubes “famosos” como Fluminense, Grêmio e Corinthians seguiram as recomendações do projeto de Marketing do Saad (clube de futebol feminino de São Paulo), que dizia que, além de competência técnica é necessário ter beleza para entrar em campo (SILVA; COSTA; SALLES, 1997). Como o conceito de beleza é padronizado, podemos imaginar qual foi o destino das nossas craques negras e todas aquelas que fogem ao padrão estabelecido. Em 2004 o Futebol Feminino comoveu o Brasil ao conquistar arduamente uma medalha de prata nas Olimpíadas de Atenas. Sem um salário digno, sem patrocínio e sem campeonatos nacionais as atletas entraram para a História do Futebol. Uma história que os feminismos nos tem ensinado a ler nas entrelinhas ou nos silêncios (NAVARRO-SWAIN,

2000). Como é o exemplo da pesquisa em andamento sobre a memória urbana da cidade de Pelotas-RS, através da análise do periódico desportivo: "Revista dos Esportes" de 1948-1958, os autores dizem haver "sinais de um certo vanguardismo, como é o caso do futebol feminino". Segundo os autores:

Um registro que faz alusão ao futebol feminino na cidade encontra-se na Revista dos Esportes (1950, n. 10, p. 12). Essa matéria traz uma fotografia que mostra um grupo de jogadoras do Vila Hilda recebendo uma flâmula das mãos do jornalista Osmar Flores, presidente da Associação de Cronistas Esportivos de Pelotas. O episódio deu-se por ocasião da partida disputada no dia 8 de julho de 1950, no estádio do G. E. Brasil, envolvendo Vila Hilda e o Corinthians (dois times femininos da cidade). (PARDO; RIGO, 2004, p. 34).

A questão é que os argumentos sexistas sempre foram contraditórios, tentaram excluir as mulheres em função de uma suposta fragilidade física, intolerância à dor e pelo dom da procriação, sem pensar que o próprio ato de parir envolve força, coragem e muita dor e sem

pensar em uma perspectiva histórica, pois podemos questionar: em outros tempos e culturas as mulheres eram também vinculadas a fragilidade física? Existiram sociedades nas quais os esportes eram fundamentais na cultura feminina? O importante é que as mulheres resistiram, tiveram seus nomes marcados por momentos de grande alegria para quem gosta de esportes. Afinal, quem não lembra do quarteto que arrebentou corações: Marta, Paula, Janete e Hortência, que até recebeu o título de rainha do basquete? Em 1994, no Mundial de Basquete da Austrália, nos proporcionaram a alegria de vê-las desfilar em nossas cidades brasileiras carregando no peito suas medalhas de ouro. Hortência, que com muita garra, disciplina e treinamento pesado, permaneceu imune aos jogos da Instituição Desportiva, de domínio, ainda, quase exclusivo masculino, recebendo o título de rainha do basquete, com reconhecimento mundial e com características atléticas únicas³.

A fragilidade física caiu por terra quando a explosão das academias e dos exercícios resistidos (musculação) entrou na ordem do dia. São muitos os exemplos de ar-

³ Diz Simões (2003, p. 27): "os estudos de Matsudo definem o sentido dado às chances de se encontrar outras mulheres com o potencial atlético e a capacidade de explosão da jogadora de basquetebol Hortência: que é de '0,00000001%' – o mesmo ocorrendo com suas características biofísicas entre a população brasileira '0,000000000072%' (Veja, p. 52)".

tistas, cantoras e atrizes famosas que recorrem ao trabalho com pesos para manter um corpo delineado, com força muscular e definição das formas. Mesmo ao longo da História encontramos ilustres exemplos de mulheres que praticavam exercícios de força para exibição pública, como é o caso de Minerva, uma americana que entrou para o Guinness Book, em 1895, ao levantar do solo uma plataforma de madeira onde estavam 23 homens pesando o total de 1.650 quilos. E o exemplo de Sandwina, que recebeu o título de Iron Queen (rainha do peso) pelo jornal alemão *Woven Man Spricht*. Ela nasceu em Viena, em 1884, adquiriu popularidade nos primeiros anos do século XX, quando em um pequeno clube em Nova Iorque venceu Eugene Sandow, em um desafio de levantamento de peso, no qual ela ergueu 300 libras acima da cabeça, superando seu adversário, que com o mesmo peso chegou somente a altura do peito, seu nome artístico foi dado em função desse feito, pois, Sandow já era popular na Europa e nos Estados Unidos (GOELLNER, 2004).

Durante alguns anos os esportes de força foram condenados para as mulheres que eram vistas como frágeis e vulneráveis em função de sua capacidade reprodutora. Hoje com os avanços da ciência, das ciências do esporte e, principalmente, pela história das mulheres atle-

tas, que foi escrita às custas de muita resistência e luta, encontramos um número cada vez maior de mulheres que buscam uma modalidade desportiva, sejam lutas marciais, boxe, musculação ou mesmo jogos de quadra, como investimento profissional, para suprir seus desejos de beleza, como momento de lazer ou mesmo por prescrições médicas ou fisioterápicas.

Em um artigo sobre a corporalidade feminina, Aldeman (1999), aborda a discussão das mulheres nos esportes, mais especificamente, no vôlei e no hipismo, utilizando Bordo e Butler como referência nas discussões de gênero e corpo. O texto é fruto de um trabalho de pesquisa, cuja hipótese diz que a participação das mulheres nos esportes pode apresentar-se como resistência ao modelo de feminilidade, que "pode ser entendida como uma 'estética da limitação'" (ALDEMAN, 1999, p. 5). Assim como pode ser resistência, a pesquisa demonstra que algumas atletas reproduzem o discurso do estereótipo feminino, como nas seguintes falas das jogadoras de vôlei,

Várias das quais se empenharam em defender a 'feminilidade' da sua atividade esportiva, comparando-a com outros esportes praticados em equipe, como o basquete, o handebol e o futebol: 'Nunca gostei

de Basquete. Para a mulher, acho que torna muito masculina. Se você comparar as jogadoras de Basquete com as de Vôlei, você vê a diferença no físico. Elas são mais troncudas; tem um jeito diferente – eu não gosto!'. 'o Basquete é uma coisa muito masculina. Jogam com aquela bermudona e o corpo delas é mais quadrado... O vôlei já é uma coisa mais feminina. Tem mais atrativos do que o Basquete. E isso muita gente fala: a gente vai lá, jogar com aquela sunguinha bonitinha, shortinho colado, chama a atenção!'. (ALDEMAN, 1999, p.5)

Essa pesquisa é muito interessante, em sua conclusão mostra a diferença entre as mulheres praticantes dos dois esportes analisados, algumas diferenças apontadas são relacionadas à questão de classe, pois as amazonas geralmente possuem condições econômicas privilegiadas, seu esporte é praticado junto com os homens e não possui a mesma atenção da mídia que o vôlei. O hipismo, por ser um esporte de alto risco, desafia a "noção de fragilidade ou inferioridade femininas" (ALDEMAN, 1999, p. 10).

Os textos de Aldeman e Goellner procuram demonstrar as práticas discursivas regulatórias que encerram as mulheres atletas em uma imagem de feminilidade nem sempre coerente com as exigências da performance desportiva. A produção teórica da Educação Física sobre as

mulheres nos esportes é bastante vasta, muitas de suas constatações estão presentes nas discussões feministas empreendidas por teóricas como, por exemplo, Butler, Laretis, Navarro-Swain, porém, as Teorias Feministas pouco aparecem nos citados textos. Em muitos textos sua presença serve para reafirmar o discurso de um movimento já superado. Encontramos em Pfister (1997), teórica alemã, a perspectiva feminista apontada como teoria útil para análise da participação feminina nos esportes. Participação que requer um tratamento diferenciado da participação masculina, pois os investimentos são diferentes, as histórias não são iguais e sua visibilidade e "aceitação" é muito recente, como constatamos através das interdições biomédicas e jurídicas apontadas nos textos.

Por isso, algumas teóricas do feminismo privilegiam as discussões do corpo, da sexualidade e da identidade. Feminismos com fronteiras móveis, sem papéis fixos, mas posições móveis e seu potencial de mudança em constante movimento. O *Eccentric subject* de Laretis; a *Mimesis* de Irigaray, os corpos cyborgs de Haraway, o *Nomadismo* identitário de Braidotti não pensam na perspectiva de um sujeito puro, mas sim que consegue criticar, questionar o aparato do conhecimento. Conhecimento não um fim em si mesmo mas,

abrir ao novo para que as identidades não se fixem como nos comentários das jogadoras de vôlei citadas por Aldeman. Afinal o corpo, o sujeito não é sempre o mesmo o tempo todo, o aparato que constrói o corpo não consegue fixa-lo, ora ele é assujeitado, ora consegue fugir. E são nestas linhas de fuga que novas figurações humanas mostram um social com mais cores, sons, luzes, e ao sabor da irreverência dançam a dança da multiplicidade das práticas sócias, que de modo algum pode ser visto como homogêneo, uniforme e único.

Referências

- ALDEMAN, Mirian. Mulheres atletas: transformações da corporeidade feminina? In: ANAIS da 23ª Reunião da ANPOCS, Caxambu, 1999.
- BRAIDOTTI, Rosi. Sujetos nómades: corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporánea. Buenos Aires: Barcelona: México: Piados, 2000.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). O Corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- _____. Gender trouble: feminism and subversión of identity. Nova York: Routledge, 1990.
- DAOLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em 'antas'. ROMERO, Elaine (org.). Corpo, mulher e sociedade. Campinas: São Paulo: Papyrus, 1995.
- De LAURETIS, Terese De. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- GOELLNER, Silvana V. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista educação physica. Ijuí: EdUNIJUI, 2003.
- _____. A inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentivos nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas: Autores Associados: CBCE, v. 25, n. 2, p. 71-84, jan. 2004.
- _____. A educação física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. Revista Motrivivência, Florianópolis: UFSC, ano XII, n. 16, p. 35-52, mar. 2001.
- _____. O esporte e a espetacularização dos corpos femininos. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem>. Acesso em: 23 mar. 2004.
- GOMES Jr. Guilherme S. Medicina desportiva. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy, 1958.

- GROSZ, Elizabeth. *Corpos reconfigurados*. Cadernos Pagú, v. 14, p. 45-86, 2000.
- HARAWAY, Donna. Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 243-288.
- LUZ Jr., Agripino A.; KUNZ, Elenor. Gênero e educação física: algumas reflexões acerca do que dizem as pesquisas da década de 80 e 90. *Revista Motrivivência*, Florianópolis: UFSC, ano XI, n. 15, p. 113-124, ago. 2000.
- MARINHO, Inezil Penna. *História da educação física no Brasil*. São Paulo: Cia. Brasil Editora, s/d.
- _____. *Rui Barbosa: paladino da educação física no Brasil*. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico, 1975.
- NAVARRO-SWAIN, Tânia. *Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão*. Cadernos Pagú: Simone de Beauvoir e os feminismos do século XX. Campinas: ed. UNICAMP, n.12, p.109-120, 1999.
- _____. *Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas 'femininas'*. História, Questões & Debates, Curitiba: ed. UFPR, n.34, p. 11-44, 2001.
- _____. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis: UFSC, v.8, n.2, 2000.
- PACHECO, Ana J. P. Educação física feminina: uma abordagem de gênero sobre as décadas de 1930 e 1940. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá: UEM/DEF, v.9, n. 1, p. 45-52, 1998.
- PARDO, Eliane; RIGO, Luiz C. *Memórias esportivas: uma história da subjetividade urbana*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas: Autores Associados: CBCE, v. 25, n. 2, p. 21-37, jan. 2004.
- PFISTER, Gertrud. A história delas no esporte: rumo a uma perspectiva feminista? In: ROMERO, Elaine (org.). *Mulheres em movimento*. Vitória: EDUFES, 1997. p. 91-111.
- ROMERO, Elaine (org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: São Paulo: Papyrus, 1995.
- _____. *Mulheres em movimento*. Vitória: EDUFES, 1997.
- ROSEMBERG, Fúlvia. *A Educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira*. In: ROMERO, Elaine (org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: São Paulo: Papyrus, 1995. p. 271-308.
- REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE – CD-Rom, UFSC:

- UNICAMP: UFRGS: CNPq, 1979-2003.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre: FECED/UFRGS, v. 15, 1994.
- SILVA, Gisele P. Histórico da mulher no judô, preconceitos, estereótipos e discriminações. Revista Motrivivência, Florianópolis: UFSC, ano V, n. 5,6,7, p. 195-207, dez. 1994.
- SILVA, Maria C. P.; COSTA, Marta M.; SALLES, José G. C. A imprensa brasileira e o futebol feminino, discurso produzido e (re)produzido. In: Coletânea do IX Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997, p. 472-481.
- SIMÕES, Antônio Carlos (Org.). Mulher e Esporte: mitos e verdades. São Paulo: Manole, 2003.

Contatos:
mafalda_cat@yahoo.com.br

Recebido em: set/2004
Aprovado em: dez/2004